

CARTAZ CLANDESTINO

Cena I

A cena dá início na manhã de 25 de abril de 2024 na casa de MARIA, uma jovem de 25 anos. A casa de MARIA é uma vivenda com uma configuração mais antiga, situada perto do rio Tejo, em Alhandra.

MARIA encontra-se, no momento, perto de realizar um dos maiores sonhos da sua vida. Já acordada, porém ainda a processar o dia que a espera o seu marido, FRANCISCO traz-lhe o pequeno almoço à cama.

FRANCISCO - Bom dia, meu amor! Foi aqui que a senhora autarca pediu as panquecas? Preparada para o dia de hoje? Mereces tanto... O facto de ires trazer uma nova visão à nossa terra, o facto de ires honrar a tua família...

MARIA - Bom dia , meu amor! Panquecas... Ótima maneira de começar o dia! Na verdade, é uma ótima maneira de me veres iniciar o dia, porque o meu dia iniciou comigo a pensar em como vou tomar posse 50 anos após o dia mais revolucionário do nosso País... Mas admito, não é fácil fazer isto sem o meu avô presente!

FRANCISCO - Sabes, essa última questão recorda-me uma coisa... A tua mãe passou por cá por volta das oito da manhã. Ela estava com pressa para se arranjar porque ia almoçar com o teu pai para depois irem juntos para a tua tomada de posse, mas deixou-te um presente. Não sei o que é, só sei que está relacionado com o teu avô. A tua mãe disse para abrires com calma um bom tempo antes da cerimónia de hoje. Queres abrir agora?

MARIA - Claro! Não só estou curiosa, como não imagino o que possa ser...

FRANCISCO, vai buscar, então, o presente que a mãe de MARIA lhe deixou de manhã. O presente tem um formato quadrado, e está embrulhado num papel branco com um cravo vermelho colado no lado

direito e uma mensagem escrita do lado esquerdo: com carinho da tua maior inspiração. FRANCISCO entrega o presente a MARIA, que o abre e fica surpresa com o seu conteúdo.

MARIA - Não acredito nisto... É um álbum!

Ao receber o álbum MARIA folheia-o rapidamente e percebe que este está repleto de fotografias antigas não só do seu avô com colegas, como de documentos clandestinos anteriores ao 25 de abril, como inclusive fotografias da própria MARIA em pequena com o avô, antes de este vir a partir. MARIA decide então voltar ao início do álbum e a primeira fotografia que encontra é a de um cartaz clandestino que apelava à revolta contra o regime e que havia sido o seu avô a fazer.

MARIA - Eu lembro-me da história deste cartaz!

Black-out.

Cena II

Flashback de Maria - entram em cena o avô de MARIA (MANUEL), e MARIA, com 7 anos. Estes estão a passear no passeio ribeirinho de Alhandra, e MANUEL começa a contar a MARIA a história do cartaz clandestino.

MANUEL - Sabes Maria, aquilo que te vou contar hoje é algo importante! A tua avó, ainda acha que és muito nova para saberes destas questões...Pois eu, acho que são estas questões que te farão crescer e amadurecer no lado correto da sociedade...

MARIA – [interrompendo] Mas que questões ‘vô? Lado correto?...

Sentam-se num banco à frente do rio.

MANUEL - Pois bem Maria... Nem sempre a vida foi tão fácil assim. Nem sempre conseguimos passear e falar à vontade! Há uns anos atrás o

nosso presidente, ou seja, digamos o chefe do país era alguém terrível, assustador...

MARIA – [*assustada, interrompe novamente*] Era o monstro que aparece no meu quarto à noite?!

MANUEL - Quase Maria! O nome deste senhor era António de Oliveira Salazar. Salazar liderava o País de uma maneira injusta, se concordasses com as opiniões do presidente eras idolatrada, mas se não concordasses eras torturada e presa, ou seja, era um regime de ditadura. Eu era uma das muitas pessoas que estavam revoltadas contra este regime, então decidi juntar-me a uns colegas que partilhavam da minha opinião, e que eram da fábrica onde eu trabalhava na altura, a Cimpor, de maneira a revoltarmo-nos juntos. E é assim que começa a história... Estás preparada para saber o que aconteceu?

As luzes vão diminuindo

MARIA - Claro!

Black-out completo. Começam a ouvir-se sons de fábrica.

Cena III

É dezembro de 1967. Entra em cena MANUEL, mais novo, com os seus 30 anos. Junto com MANUEL entram JOSÉ e CARLOS, dois dos seus companheiros de fábrica. Entram no lado exterior da fábrica, cada um a fumar o seu cigarro, a planear um encontro à noite, às escondidas, para debater sobre o movimento de revolta que pretendiam criar.

MANUEL - Isto está cada vez pior! Cada vez mais homens a perder a vida no Ultramar, as mulheres a terem de fazer a sua vida sozinhas, as

crianças a nascer sem pai e algumas sem direito sequer a ir para a escola e aprender... O encontro tem de ser hoje à noite!

JOSÉ - E essas não são as únicas questões... Olhem, a minha Maria Amélia, lá em casa, cada vez mais se revolta por ser vista pela sociedade como uma mera dona de casa que não tem sequer direito ao voto. Ela está a ficar impaciente... Contou-me no outro dia que está a pensar em iniciar um movimento pela liberdade das mulheres em conjunto com as amigas e as amigas das suas amigas. Não posso correr o risco de perder a minha mulher... Depois quem é que lava roupa lá em casa?

CARLOS - Tu és mesmo um trambolho, José! Não entendes que é exatamente por essa questão que a tua mulher quer lutar?! As mulheres estão fartas de serem vistas como máquinas de limpeza, elas querem ter uma voz ativa, querem encaixar-se na sociedade de uma maneira justa. O Manuel tem razão, temos de nos unir e formular alguma coisa! A reunião tem de ser hoje!

MANUEL – Rapazes vou tentar avisar o resto da malta. Em princípio somos nós, o Guilhermino da dona Rosa e o António que costuma abrir a tasca à noite. Pensei em encontrar-vos às dez da noite na tasca do António. Naturalmente, as pessoas começarão a ir embora, mas nós ficaremos até às três da manhã. A essa hora entramos dentro de uma sala mais recatada que o António lá tem e começamos finalmente a nossa reunião.

JOSÉ - E as nossas mulheres? Olhem que a Amélia ainda pensa que estou enrolado com outra e isso traz-me problemas é a mim...

CARLOS – [dá um carolo no José] Se fosses um trambolho inteligente explicavas à tua mulher o que vais fazer...

MANUEL – [*apaga o cigarro e pega em dois baldes com cimento que era sua função acartar para dentro*] Isso vê-se. Vão trabalhar 'pah!

Cena IV

São dez da noite. CARLOS, JOSÉ e MANUEL encontram-se na tasca do ANTÓNIO. A tasca tem uma configuração de tasca normal. Sentam-se e bebem um copo. Passado um tempo aparece GUILHERMINO e senta-se ao lado de MANUEL.

GUILHERMINO – Há quanto tempo não vinha a esta tasca... Melhores bebidas de Alhandra e arredores.

MANUEL – [*dá uma palmadinha nas costas de GUILHERMINO*] Olha quem é ele! Como vai a Dona Rosa? Estes são os meus companheiros José e Carlos lá da fábrica...

GUILHERMINO, MANUEL, CARLOS e JOSÉ continuam a falar. Dá-se foco numa nova personagem que entra na tasca, desconhecida até então. É um homem vestido com roupas simples que se dirige ao balcão, pede um copo de Vinho do Porto e senta-se atrás de GUILHERMINO.

JOSÉ – [*falando baixo*] Temos companhia?

CARLOS- Não deve ser nada... Só não entrem em grandes assuntos!

GUILHERMINO, MANUEL, CARLOS e JOSÉ continuam a falar até que aos poucos a tasca fica vazia e o homem desconhecido é o último a sair. São 2:50 da manhã e o António sai de traz do balcão.

ANTÓNIO – Estamos sozinhos! Finjam que vão sair da tasca, atrás da tasca há uma porta traseira. Estarei à vossa espera!

Cena V

ANTÓNIO recebe os companheiros numa sala apertada parecida a uma arrecadação.

ANTÓNIO – Desculpem o espaço ser apertado, mas é o local mais seguro que se encontra dentro desta tasca.

MANUEL – Não te preocupes Tó! A nossa grande preocupação de hoje é o plano! E eu tenho um bem estruturado!

GUILHERMINO – Diz-nos lá o plano então, homem!

MANUEL – Bem, o Natal aproxima-se! A minha sugestão é tão prática como fazer um cartaz, como se fosse um título de jornal que apele ao fator família. Algo do género...

CARLOS – [interrompendo] Enquanto Salazar assiste à guerra, crianças no natal ficam sem pai à mesa!

JOSÉ – Olha, não sei quanto a ti Manuel, mas a mim soa-me bem.

GUILHERMINO – Frase já temos, ótimo! Mas falta-vos aí um pormenor, os cartazes obtemos como? Mais, espalhamos para onde?

MANUEL – Isso não é um problema! Aqui o nosso António tem uma solução.

ANTÓNIO – O meu cunhado arranja-nos os cartazes ele trabalha lá numa coisa de jornais, e tem o mesmo posicionamento que nós! Só precisamos de lhe dar um modelo ou uma ideia.

CARLOS – Sobre espalhar os cartazes, é tão simples quanto coloca-los pelas ruas e afixa-los durante a noite nas portas e nas casas.

JOSÉ – Preparamos o modelo hoje, e reunimo-nos à mesma hora daqui a 3 dias. O que vos parece?

Todos acenam a cabeça e, ficam um pouco de tempo a preparar o cartaz.

Após estar feito comemoram dão um abraço de grupo e vão embora.

Black-out.

Cena VI

MANUEL chega a casa perto das quatro e meia da manhã e a sua mulher

ALMERINDA acorda assim que este se deita na cama.

ALMERINDA – Vais dizer-me o que andaste a fazer, ou agora já nem isso tenho direito a saber?

MANUEL – Almerinda, vamos colocar cartazes contra o regime, vamos correr o risco. Não te contei antes para não te preocupar.

ALMERINDA – Ótimo! Vais fazer uma ação contra a PIDE e nem coragem tinhas para me contar. Mas sabes Manuel, tudo bem. Tenho duas novidades para ti. A primeira é que vou associar-me ao movimento pela liberdade das mulheres que está a criar a mulher do José, a Amélia. E a segunda é que todas estas ações vêm em má hora... Vamos ter um bebé!

MANUEL começa a rir de felicidade e abraça ALMERINDA.

MANUEL – Peço imensa desculpa por estar com a cabeça ausente nos últimos tempos. A nossa criança será feliz! Estas ações não vêm em má hora, é a nossa liberdade e a liberdade dos nossos que está em causa!

ALMERINDA abraça MANUEL. Black-out.

Cena VII

São dez da noite, e passaram-se três dias desde o primeiro encontro.

CARLOS, JOSÉ, MANUEL e GUILHERMINO encontram-se na tasca do ANTÓNIO novamente.

MANUEL – Guilhermino...estás com um ar um pouco atordoado hoje...está tudo bem?

GUILHERMINO – [*claramente bêbado*] Ótimo Manuel!

CARLOS – Estar aqui com ele bêbado é claramente um risco...

Conversam normalmente mesmo com a preocupação acrescida do estado do GUILHERMINO e surge novamente o homem desconhecido que lá estava três dias antes acompanhado de mais três homens desconhecidos que se sentam na mesa atrás do MANUEL, CARLOS, JOSÉ e GUILHERMINO.

JOSÉ – Então e como vão as vossas mulheres, companheiros?

MANUEL – Bem, a Almerinda anunciou-me, naquele dia, a chegada de um novo integrante à nossa família. Vou ser pai!

Todos festejam.

GUILHERMINO – [*perde a noção do que vai dizer por estar bêbado, e eleva a voz*] A minha mulher vai ótima! Adorou, inclusive, a nossa ideia dos cartazes. É desta que Salazar cai na merda.

Os quatro homens desconhecidos levantam-se e apontam armas à cabeça de GUILHERMINO e levam todos os amigos embora, indicando assim que são da PIDE.

Cena VIII

Às três da manhã, ALMERINDA acorda com um grande bater à porta, é ANTÓNIO que chega com uma grande mala.

ANTÓNIO – [*em pânico*] Almerinda, desculpa acordar-te em sobressalto, levaram o Manuel, levaram todos...

ALMERINDA – [*falando baixo*] Estás parvo a dizer isto cá fora? Entra António.

ANTÓNIO entra e ALMERINDA oferece-lhe um copo de água

ANTÓNIO – Almerinda, és a única mulher que sei que sabia de tudo. Neste momento aproxima-se uma fase difícil, o Manuel e todos eles não vão sair tão cedo de onde estão. Dentro desta mala estão todos os cartazes impressos. Eu sei da iniciativa das mulheres, e é precisa a vossa ajuda. Para não serem vocês a espalhar os cartazes, basta apenas, com calma, entregarem-nos aos poucos a uma lista de nomes de membros do PCP que está dentro desta mala. Eles farão o maior trabalho. Eu não posso fazer esta ação. Estão de olho em mim, Almerinda.

ALMERINDA acena a cabeça e recebe a mala. ANTÓNIO dá-lhe um abraço e vai embora. Black-out.

Cena IX

Retoma o flashback de Maria - entram em cena o avô da MARIA (MANUEL), e a MARIA, com 7 anos. Estão sentados no banco do passeio ribeirinho.

MARIA – ‘Vô, a avó foi capaz? O cartaz foi espalhado?

MANUEL – A avó foi capaz! O PCP recebeu os cartazes e foram ainda mais além do que Alhandra, estiveram por Lisboa. Foram lançados comunicados em jornais sobre toda esta ação inclusive.

MARIA – E tu avô, como sobreviveste na prisão?

MANUEL – Não foi pera doce Maria. Fiquei preso até ao dia 25 de Abril de 1974, quando ocorreu a revolução. Não assisti ao nascimento da tua mãe e quando a vi pela primeira vez já tinha ela 5 anos. Esta história não é para te atormentar com aquilo que já vivi, mas sim para te explicar que ainda tens muitos problemas a enfrentar nesta sociedade, e que já houve fases terríveis no nosso país. Minha neta, assim como eu e a tua avó lutámos pelas causas que nos fizeram frente, tu própria terás, se quiseres, a oportunidade de lutar pelas tuas causas e honrar as tuas convicções.

MARIA abraça MANUEL e ambos se levantam.

MANUEL – Bem, quem quer ir comer um geladinho?

Saem de cena. Black-out.

Cena X

A cena 1 retoma. MARIA encontra-se a dormir por cima do álbum.

FRANCISCO – Meu amor, está na hora de te arranjares. Coloquei-te o álbum nas mãos, fui à casa-de-banho e quando voltei já dormias. Mas não te preocupes, foi só uma horinha e não te quis acordar. Talvez devesses ver o resto do álbum noutra altura, não?

MARIA – [A rir-se] É melhor deixar para outra hora, sim. Sabes, é que foi a história deste cartaz que me incentivou a candidatar-me para a função que vou assumir hoje. Quem diria que a primeira presidente da União

de Freguesias de Alhandra seria eu, a neta do Manuel e da Almerinda que espalharam os cartazes.

FRANCISCO – Um dia não te livras de me contar a história desse cartaz! Mas agora tens é de te ir arranjar! Só sei que o teu avô estaria orgulhoso de certeza!

MARIA – Eu sei que ele está. A história do cartaz clandestino nunca foi em vão. O senhor Manuel conseguiu. Inseriu-me no “lado certo da vida”.

Black-out

FIM